

GT66: Povos indígenas isolados e de recente contato contra a aliança governo/agronegócio/missões: desafios perante a retomada da ideologia de integração e o desmonte da política de proteção

Miguel Aparicio, Fábio Augusto Nogueira Ribeiro

Ao longo da história do país o "cerco" imposto aos inúmeros povos indígenas que, conscientemente, não participam da lógica nacional são muitos: o estímulo desenvolvimentista na execução de grandes empreendimentos devastadores; o avanço incessante do agronegócio; a ânsia pela extração de minérios, madeira e demais recursos naturais; a busca por novas almas para a conversão, mediante persuasão praticada por determinadas agências missionárias; a grilagem, etc. Atualmente, a retomada da ideologia de integração e o desmonte da política de proteção contradizem direitos consolidados pela Constituição há mais de trinta anos, impulsionando práticas de extermínio e negligência. Diante do avanço destes contextos e da vivência de experiências genocidas, diversos coletivos optaram por formas de vida que têm sido referidas por termos como "isolamento". Este GT reunirá investigadoras, investigadores e analistas dedicados a discutir os desafios impostos nos diversos contextos em que se encontram esses povos. São também bem vindas reflexões sobre de que forma o rechaço ou evitação das relações de troca com o entorno podem ser entendidos como ação política ou busca por autonomia destes coletivos indígenas. Conflitos de interesses, agência em relação à autodeterminação sobre sua existência e desafios da garantia de seus direitos compõem algumas das temáticas discutidas pelo GT.

"Os 'isolados' são uma relação entre espécies": o isolamento como política e ação de vida dos povos isolados nas florestas e rios do interflúvio Purus-Juruá

Autoria: Juliana Bentes

Este trabalho aborda a relação dos "povos indígenas isolados" Hi-merimã, no Sul do Amazonas - com as florestas multiésspecies como condição maior de vida. Busca-se, para tanto, refletir os modos de vida desses coletivos atrelados à manutenção das florestas indigenizadas cada vez mais ameaçadas pela epidemia de desmatamento que avança pelo sul do Amazonas nos últimos anos. Desse modo, trazendo à luz uma antropologia da vida em suas diversas e possíveis conceituações para a paisagem, alinho-me a discussão de repensar a relação de "isolamento" atribuída a esses coletivos com as políticas e ações de morte incentivadas pelos Estados-nações como resposta às concepções de vida materializados nas paisagens construídas e transitadas por esses coletivos, em um exercício especulativo junto as etnografias multiespécies. Uma revisão bibliográfica em torno de uma antropologia da paisagem percorrendo a ecologia histórica, as malhas sociais ingoldianas, as coordenações multiespécies de Anna Tsing bem como a literatura etnográfica dos coletivos Arawá, e os relatórios indigenistas de investigação de vestígios de povos isolados, etc. suscitam à especulação de que o "isolamento" se inscreve enquanto uma relação social e cosmológica com a paisagem multiespécie que subverte não só a noção de isolado, uma vez que estes povos se encontram continuamente fabricando relações com agentes não-humanos diversos, como também implicam ações políticas de direito à vida e negação da morte, sendo esta última, representadas pelo contato forçado com as sociedades envolventes durante o advento do seringalismo no passado e atualmente pelo desmatamento propiciado pela expansão do agronegócio que ameaça destruir as paisagens amazônicas para a implementação de monoculturas e outros empreendimentos modernistas. Neste paradigma, as paisagens de florestas em suas malhas e coordenações simbióticas são a vida mesma, onde o desmatamento implica diretamente numa ação de extermínio desses povos.

[Trabalho completo](#)

33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

Realização:



Apoio:



Organização:

